

ACESSO, AVALIAÇÃO E COMPARTILHAMENTO DE FONTES DA INFORMAÇÃO SOBRE A COVID-19 NA PERIFERIA DE SÃO CARLOS – SP

José Marcos Amorim da Silva Neto
Graduado em Biblioteconomia. São Carlos, São Paulo,
Brasil.
zmarcos_neto17@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3858-1336>

Ariadne Chloe Mary Furnival
Doutora em Políticas Científicas e Tecnológicas.
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São
Paulo, Brasil.
chloe@ufscar.br
<https://orcid.org/0000-0002-2344-4400>

RESUMO

Desde que o primeiro caso de Covid-19 foi registrado no final de 2019, toda a população do mundo foi obrigada a ficar em casa, e conseqüentemente, a usar a Internet e os meios de comunicação ativamente. O vírus causou não apenas uma crise de saúde, mas também uma “infodemia”. Porém a informação é vista como essencial para prevenir a proliferação do vírus, para a qual é necessário conseguir identificar e avaliar fontes de informação de boa qualidade. O estudo aqui descrito, que foi realizado por meio da aplicação de um questionário, objetivou identificar facetas das práticas de acesso, avaliação e compartilhamento da informação sobre a Covid-19 pelos moradores de um bairro periférico da cidade de São Carlos, no interior do estado de São Paulo. Mesmo que os participantes da pesquisa tenham uma percepção majoritariamente otimista das suas próprias habilidades informacionais, foi identificada a necessidade de prover conteúdo de letramento midiático e informacional para estes moradores.

Palavras-chave: Fontes de informação para a saúde. Covid-19. Letramento midiático e informacional.

ACCESS, EVALUATION AND SHARING OF INFORMATION SOURCES ON COVID-19 IN THE PERIPHERY OF SÃO CARLOS – SP

ABSTRACT

Since the first case of Covid-19 was recorded at the end of 2019, the entire world population was obliged to “stay at home” and consequently use the Internet and media actively. The virus caused not only a health crisis, but also an “infodemic”. However, information is seen as essential to prevent the proliferation of the virus, for which it is necessary to be able to identify and evaluate sources of good quality information. The study described here, which was carried out through the application of a questionnaire, aimed to identify facets of the practices of access, evaluation and sharing of information about Covid-19 by the residents of a peripheral neighbourhood in São Carlos, a city in the interior of São Paulo state. Even though survey participants have a mostly optimistic perception of their own media and information skills, the survey identified the need to provide media and information literacy content for these residents.

Keywords: Health information sources. Covid-19. Media and information literacy.

Recebido em: 16/05/2022

Aceito em: 14/07/2022

Publicado em: 09/09/2022

1 INTRODUÇÃO

O letramento midiático e informacional se refere a um conjunto de competências e habilidades em informação que permitem às pessoas analisar mensagens transmitidas pela mídia e pela Internet, fornecendo-lhes a capacidade de avaliar criticamente as informações e os dados recebidos por esses meios. A pandemia da *(co)rona (vi)rus*

(d)isease (Covid-19) que varreu o mundo inteiro a partir de março de 2020 obrigou toda a população mundial a “ficar em casa”, e conseqüentemente, a usar a Internet e os meios de comunicação ativamente, seja para a educação formal, seja para o trabalho.

Porém, junto com a pandemia, veio a infodemia, que a Organização Mundial de Saúde (OMS) define como:

[...] uma superabundância de informações – algumas precisas e outras não – que ocorre durante uma epidemia. Ela se espalha entre humanos de maneira semelhante a uma epidemia, por meio de sistemas de informação digitais e físicos. Isso torna difícil para as pessoas encontrarem fontes confiáveis e orientação confiável quando precisam (OMS, 2021, p.x, *tradução nossa*).

As informações dizem respeito à origem, sintomas e quadros que podem evoluir da Covid-19, o número de casos e óbitos, como evitar sua transmissão e sobre a vacinação e as vacinas, entre outros detalhes. São informações que podem fazer toda a diferença no combate à Covid-19, mas é fundamental conseguir identificar as fontes de informação confiáveis. Com o alto fluxo de informações e compartilhamento de conteúdo na internet, por meio das redes sociais, sites, blogs, aplicativos de mensagens, podcasts etc., tornou-se comum esbarrar com a desinformação e as notícias falsas, todas constituindo um obstáculo no enfrentamento da pandemia da Covid-19, porque as formas de se proteger e como evitar a propagação do vírus se tornaram confusas.

No Brasil, segundo o site *Coronavírus Brasil* (2021), havia 11.519.609 casos confirmados naquele ano, com 278.229 óbitos e no estado de São Paulo, foram registrados 2.208.242 casos de Covid-19 com 64.223 óbitos (no dia 15 de março de 2021) (BRASIL, 2021). A devastação causada pelo Covid-19 nos grandes centros urbanos brasileiros como Manaus teve extensa repercussão na mídia mundial, quando houve falta de oxigênio, por exemplo, o assunto foi repercutido também pela imprensa internacional (G1, 2021). Apesar de que todas as cidades brasileiras foram atingidas, o estudo relatado aqui focou num bairro da periferia da cidade de São Carlos, no interior do estado de São Paulo.

À época do último censo, a população de São Carlos foi registrada como 222 mil habitantes, sendo aproximadamente 21 mil do bairro periférico Cidade Aracy, segundo dados do IBGE (2010 apud MAZZUCO; MOSCHINI, 2018). Em 15 de dezembro de 2020, a Prefeitura fez um mapeamento dos bairros para observar o número de infectados pela Covid-19. Naquele momento, a cidade contabilizava 5.002 casos da doença e 67 óbitos nos 200 bairros mapeados. Foi feito um recorte dos 10 bairros com mais

casos da doença. O bairro Cidade Aracy liderava com o maior número de infectados, com 314 casos da Covid-19, desde março de 2020, o início da pandemia no Brasil (G1, 2020). No dia 15 de março de 2021, o número de casos da Covid-19 na cidade como um todo já era quase o triplo do que foi apresentado no mapeamento de março de 2020.

O bairro Cidade Aracy é uma área periférica de São Carlos que se formou de maneira descontrolada, localizado numa área que não é adequada para ocupação visto que é uma área manancial de proteção ambiental, fato que torna o ato de seu apoderamento como prática ilegal. Porém, com um forte incentivo da especulação imobiliária na região, desde a década de 1980, os bairros periféricos cresceram, mesmo que de forma irregular, por meio da doação de lotes. A única exigência aos beneficiários de lotes na área era de construir a estrutura de ao menos um cômodo, no período de um mês, ou então o lote seria repassado a outra pessoa incumbida de cumprir o requisito (SILVA, 2007).

É neste contexto que se insere o estudo aqui apresentado, que teve como objetivo geral identificar facetas das práticas de acesso e uso da informação sobre a Covid-19 dos moradores do bairro periférico, Cidade Aracy. Teve como objetivos específicos: identificar meios e fontes de informação mais utilizados pelos moradores do bairro para se informar sobre Covid-19; observar a percepção dos participantes sobre a confiabilidade das fontes de informação; averiguar se os participantes verificam e/ou compartilham informações sobre a Covid-19.

Na próxima seção deste artigo, começaremos por apresentar uma breve revisão da literatura sobre os temas de letramento midiático e informacional e a desinformação no contexto da Covid-19. Na terceira parte do texto, descreveremos os passos metodológicos que foram seguidos para realizar a pesquisa de campo. Esta será seguida pela apresentação e discussão dos resultados, para enfim, tecer algumas considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Segundo a pesquisa *TIC Domicílios 2020*, no Brasil naquele mesmo ano, havia 152 milhões de usuários de Internet, o que representa 81% da população com 10 anos ou mais, caracterizando um “aumento de sete pontos percentuais em relação a 2019 (74%), ou o equivalente a 19 milhões de usuários de Internet a mais no período” (COMITÊ

GESTOR DA INTERNET - CGI, 2021, p.27). Além do fato de uma grande parcela da população ter acesso à internet, sabe-se que a busca pela informação para a saúde em websites na internet pelos brasileiros também é expressiva. Nota-se que:

A busca de informações relacionadas à saúde e a serviços de saúde também apresentou aumento significativo em comparação com 2019, passando de 47% para 53%. Esse aumento foi observado especialmente entre os usuários de Internet que estudaram até o Ensino Médio (de 51% para 60%) (CGI, 2021, p. 28).

Este fato talvez não surpreenda dado o contexto do ano 2020 ser o primeiro da pandemia de Covid-19. Porém, tal predominância de pesquisas na internet por fontes de informação sobre a saúde já tinha sido observada em vários dos relatórios *TIC Domicílios* anteriores.

O termo *e-health* (e-saúde) conota o uso da internet por leigos para encontrar informações para a saúde (EYSENBACH, 2001). O público leigo geralmente busca informações para a saúde em fontes online informais como blogs, *sites* e redes sociais, que não são canais e repositórios impessoais de fontes (GALARCE et al., 2011), mas são canais pessoais, são “fóruns vibrantes para discussão” (SUNDAR et al, 2011, p.182), fontes multilaterais paradigmáticas da Web 2.0 ao promover a criação e compartilhamento da informação pelo usuário, que dessa forma, se torna um “produsuário” de informação, e não apenas um sujeito que acessa e talvez usa itens de informação encontrados. Em contraste, as informações qualificadas em bases de dados referenciais e plataformas científicas como MEDLINE, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), CINAHL, LILACS não são de acesso fácil, ou estão disponíveis somente a profissionais da área da saúde (SILVA FILHO et. al, 2017).

É notório que o aspecto aberto e democrático da Web 2.0 traz também outras dimensões insidiosas que são os riscos graves acarretados pela disseminação e compartilhamento desenfreado da informação de má qualidade. Sundar et al. (2011), ao revisar sete artigos sobre a *e-health*, identificaram 32 desvantagens deste ambiente de acesso e troca fáceis de informação para a saúde, desde a sobrecarga, confusão e medo resultados da informação, até autoria desconhecida e falta de citação da fonte, esta última brecha grave sendo preocupantemente observada por Cubas e Felchner (2012) numa pesquisa realizada sobre informações disponíveis na Internet sobre autoexames da mama.

Além do uso de fontes de informação com informações sem nenhuma comprovação

científica, o compartilhamento desenfreado de informações equivocadas em redes sociais traz um cenário ainda mais preocupante, no qual a desinformação se propaga de forma descontrolada (SILVA FILHO et. al, 2017), cenário que tem se intensificado durante a pandemia da Covid-19. São vários os campos do conhecimento afetados pelo compartilhamento de informações falsas, ou a desinformação, porém o mais afetado atualmente é a ciência. Um clima de medo e incertezas foi instaurado com o surgimento da pandemia da Covid-19 por se tratar de uma nova doença.

Desta forma, a demanda informacional sobre a doença foi alta e a ciência tem sido incapaz de suprir esta demanda em tão curto período de tempo e é nesse descompasso que provém um campo fértil para o surgimento da desinformação, informações inverídicas e notícias falsas, chamadas *fake news* (MONTALVÃO NETO et al., 2020). Geralmente as *fake news* possuem uma estrutura e formato utilizado pelos canais de comunicação e uma linguagem coloquial de simples compreensão ou linguagem muito sensacionalista que contribuem para que sejam reproduzidas e compartilhadas nas redes sociais. (MONTALVÃO NETO et al., 2020).

Esta propagação ultra célere da desinformação sobre informação para a saúde tem sido muito perigosa durante a pandemia. Como reportado no site da BBC Brasil (BBC BRASIL, 2020), cerca de 800 pessoas morreram no mundo por conta de informações falsas sobre a Covid-19 nos três primeiros meses de 2020, e de acordo com um estudo publicado no *American Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, aproximadamente 5,8 mil pessoas foram hospitalizadas em decorrência de informações falsas recebidas em redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter e Whatsapp (BBC, 2020). Montalvão Neto et al. (2020, p. 3) nos lembram que a desinformação notoriamente circulada no início da pandemia se dizia respeito à possibilidade de produzir “[...] álcool em gel em casa com gelatina incolor; ou que chá de boldo combate coronavírus; ou ainda de que beber muita água e fazer gargarejo com água morna, sal ou vinagre é uma solução para eliminar o vírus.”

Os motivos pelos quais as pessoas acreditam como verdade a desinformação variam entre: a leitura de apenas as manchetes e os títulos; a reafirmação de crenças pessoais que elas já têm; o fato que a desinformação foi compartilhada por um conhecido ou familiar; e a ausência da prática de checar as fontes da desinformação. Um *survey* realizado por pesquisadores da USP, que obteve 2.520 respostas, constatou que os

grupos de família do WhatsApp são os mais propícias para a propagação de desinformação e notícias falsas e pelo seu caráter privado, é ainda mais difícil rastrear e avaliar seus impactos (GRAGNANI, 2018 apud FURNIVAL; SANTOS, 2019, p.99). Em 2018, o Instituto de Pesquisa IPSOS realizou um *survey* em 27 países, coletando respostas de um total de 19 mil pessoas. Concordou um total de 62% dos participantes brasileiros com o enunciado “Eu falsamente acreditei que um notícia era verdadeira até que eu descobri que era falsa” sendo a porcentagem de respondentes a mais alta entre os países participantes, seguida de Arábia Saudita e Coreia do Sul, ambos com 58% (IPSOS, 2018, p.16).

O combate à propagação da desinformação concentra em torno de soluções imediatas, mas reativas como o uso de serviços humanos de checagem de fatos (*fact checking*) e o uso de aplicativos automatizados para detectar as informações falsa e soluções de médio e longo prazo, que é o investimento de recursos (humanos e financeiros) em programas de letramento midiático e informacional (conhecido pela sigla AMI – “alfabetização midiática e informacional” (UNESCO, 2013). É fundamental que as pessoas desenvolvam competências para navegar consciente e eticamente pelas plataformas digitais-informacionais exercendo a capacidade de busca, acesso, avaliação, criação, utilização e possível compartilhamento da informação de modo legítimo para alcançar seus objetivos. A AMI tem a função de agregar conhecimentos e habilidades fundamentais ao usuário sobre as fontes de informação. Essas competências, de acordo com a UNESCO (2013, p.16) são para reconhecer:

(a) as funções da mídia, das bibliotecas, dos arquivos e de outros provedores de informação em sociedades democráticas; (b) as condições sob as quais as mídias de notícias e os provedores de informação podem cumprir efetivamente essas funções; e (c) como avaliar o desempenho dessas funções pela avaliação dos conteúdos e dos serviços que são oferecidos.

O letramento midiático e informacional surge da convergência dos dois campos: alfabetização informacional (ou competência em informação como é conhecido no Brasil) e alfabetização midiática, que visa promover “[...] a capacidade de compreender as funções da mídia, de avaliar como essas funções são desempenhadas e de engajar-se racionalmente junto às mídias com vistas à autoexpressão” (UNESCO, 2013, p.16). A AMI oferece aos usuários competência para que tenham um envolvimento e interação de qualidade com os meios de comunicação, e exercem seu direito à

liberdade de expressar sua opinião de forma fundamentada, qualificada e ética. As habilidades adquiridas por meio do letramento midiático e informacional deveria despertar nos usuários um olhar crítico diante da informação apresentada nas mídias sociais, promovendo, idealmente, a diminuição da circulação de informações duvidosas e desinformação entre os grupos de usuários.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi sobre a busca, uso e compartilhamento de informações no âmbito do enfrentamento da pandemia da Covid-19, a fim de identificar os meios e fontes de informação que os residentes do bairro estudado utilizam para se informar sobre a Covid-19, como medida de prevenção e para evitar a disseminação do vírus. Segundo seus objetivos, o presente estudo pode ser classificado como pesquisa descritiva, pois teve como seu objetivo principal a descrição das características do fenômeno estudado. Quanto aos procedimentos de coleta de dados, trata-se de uma pesquisa quantitativa, na qual foi aplicado um questionário estruturado, com questões fechadas direcionado a uma amostra representativa desta comunidade. Após o levantamento dos dados, foi feita uma análise estatística simples com discussão dos resultados obtidos. O instrumento de coleta de dados escolhido foi um questionário online direcionado aos participantes da pesquisa. A plataforma escolhida para elaborar e aplicar o questionário foi a *Google Formulários*. O projeto e instrumento de coleta foram aprovados pelo Comitê de Ética (CAAE número: 39894120.6.0000.5504).

Após um teste piloto do questionário, feito com quatro moradores do bairro sob estudo, as questões abertas e opcionais foram excluídas, pois foi observado que essas questões não foram respondidas. Outra mudança feita diz respeito ao reajuste do *layout* do formulário, para que este fosse facilmente manuseável numa tela de telefone móvel. Ao final do processo de elaboração e teste do questionário, este ficou com um total de 12 questões fechadas usando uma escala Likert. O link (URL) do questionário foi compartilhado em grupos WhatsApp pelo primeiro pesquisador-autor, sendo que inicialmente, o recrutamento dos participantes foi feito entre familiares e conhecidos deste.

Por sua vez, o pesquisador solicitou aos participantes recrutados que enviassem o link para outros residentes de seu conhecimento. Desta forma, foi realizada uma

amostragem do tipo “bola de neve” (*snowball sampling*), que, de acordo com Vinuto (2014, p.203), “é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência”. Tal cadeia de referência se concretiza quando cada participante de pesquisa é solicitado a indicar outro, e assim sucessivamente, até que um nível de saturação é alcançado, manifestada numa certa repetição nas informações coletadas. Biernacki e Waldorf (1981) observam que, sendo uma técnica de amostragem não probabilística, nem todos os indivíduos da população alvo terão a mesma probabilidade de serem selecionados como parte da amostra, o que significa que os resultados não serão generalizáveis. Esta forma de amostragem é especialmente relevante para pesquisas exploratórias que não possuem a intenção de testar hipóteses.

Em nosso estudo, o fim da coleta não foi determinado por um ponto de saturação nas respostas coletadas, mas por uma limitação de tempo disponível para a realização desta etapa da pesquisa, e pela imposição das condições do distanciamento social prescritas pela pandemia. Foram coletadas 86 respostas no total.

O questionário foi aplicado aos moradores do bairro Cidade Aracy entre o dia 16 de março e o dia 26 de abril de 2021. O primeiro pesquisador (ele mesmo morador do bairro sob estudo) ficou disponível nos grupos da plataforma WhatsApp para prestar suporte aos participantes e esclarecer eventuais dúvidas. Mesmo assim, alguns participantes tiveram dificuldades para lidar com a plataforma Formulários Google, em especial os participantes com mais de 50 anos, que externalizaram não estar aptos para o uso dessa ferramenta. Então o primeiro pesquisador acompanhou de forma presencial estes participantes – sempre seguindo rigorosamente as medidas de prevenção (máscara, álcool) e distanciamento social exigidas pela pandemia – para que pudessem contribuir com a pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Eram cinco seções do questionário cobrindo, além de atributos do perfil dos respondentes (seção um), temas de: frequência de uso/acesso a plataformas e fontes de informação; Confiabilidade das fontes de informação; e o compartilhamento de informações. Pela questão de espaço, para este artigo, selecionamos um subconjunto das respostas colhidas. Em relação ao gênero dos participantes, a porcentagem do sexo feminino correspondeu a 53% do total de participantes, enquanto do sexo masculino foi de 47%.

Houve outras opções de gênero na questão, que não foram assinaladas. As tabelas 1 e 2 que seguem apresentam a faixa etária e nível de escolaridade dos participantes:

TABELA 1 – Porcentagem dos participantes por faixa etária (n = 86)		TABELA 2 – Porcentagem níveis de escolaridade dos participantes (n=86)	
66 a 70 anos	2,32%	Pós-graduação	2,30%
61 a 65 anos	4,65%	Superior	14,0%
56 a 60 anos	3,50%	Ensino superior incompleto	16,3%
51 a 55 anos	5,81%	Médio	31,4%
46 a 50 anos	4,65%	Médio incompleto	9,3%
41 a 45 anos	8,15%	Fundamental	8,2%
36 a 40 anos	8,15%	Fundamental incompleto	17,4%
31 a 35 anos	12,80%	Nenhuma	1,2%
26 a 30 anos	24,40%		
21 a 25 anos	19,76%		
18 a 20 anos	5,81%		

FONTE: Dados da pesquisa, 2021.

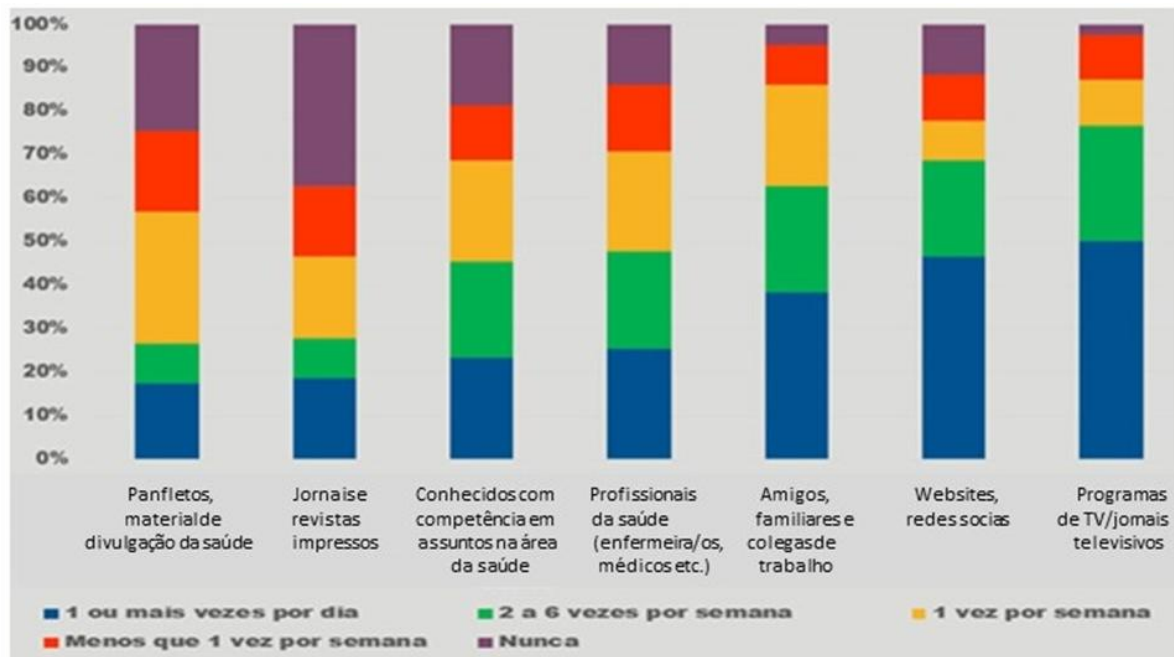
FONTE: Dados da pesquisa.

Em relação ao nível de escolaridade dos participantes, observamos que 31,4% concluíram o ensino médio e apenas 1,2% dos participantes não tiveram nenhuma escolaridade. A quantidade de 30% chegou a ingressar no Ensino Superior, com 14% destes tendo completado sua formação neste nível de escolaridade. De certo modo, a variável escolaridade dos participantes da pesquisa reflete dados coletados no âmbito das pesquisas *Indicadores do Alfabetismo Funcional (INAF)*, que em 2018, registrou que, ao longo dos 17 anos da coleta desses dados, houve uma “sensível elevação do número de pessoas que chegam aos níveis mais elevados da educação formal” (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO; AÇÃO EDUCATIVA, 2018, p.9).

A segunda seção do questionário cobriu tópicos referentes à frequência com relação aos meios, aplicativos e plataformas que os participantes utilizaram para buscar ou receber informações sobre a Covid-19. Ao serem solicitados, na questão 6 do questionário, a assinalar a “frequência com que você costuma buscar ou receber informações sobre a Covid-19 pelos seguintes meios”, teve-se a seguinte distribuição de frequências, apresentada no gráfico 1:

GRÁFICO 1 – Frequência com que os participantes se informam sobre Covid-19 por meio de uma

seleção de fontes e canais de informação



FONTE: Dados da pesquisa, 2021.

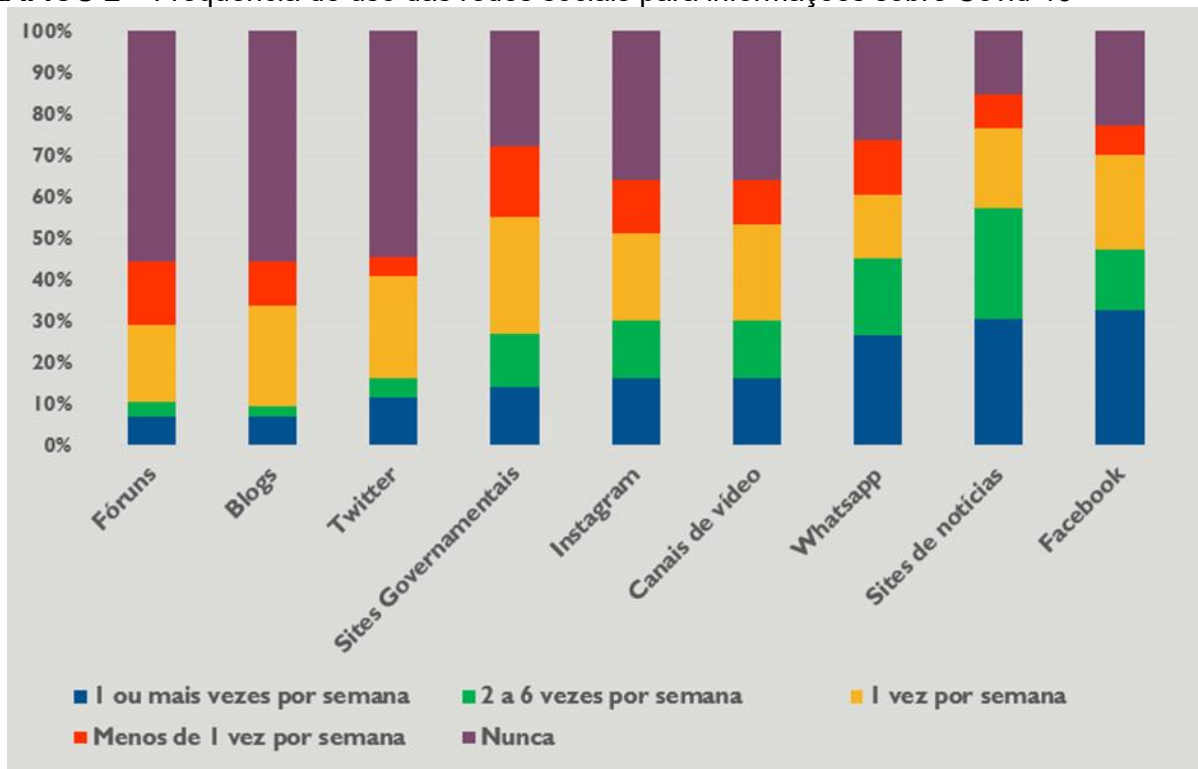
Chama a atenção que os “Programas de TV/ Jornais televisivos” são ainda utilizados por 50% dos participantes como fonte de informação, com a frequência de “1 ou mais vezes por dia”, e esta mesma opção também foi a que menos teve respostas na frequência “nunca” (com apenas 2,3% dos participantes afirmando que “nunca” utilizaram estes meios). Isto foi especialmente o caso para os respondentes com a faixa etária igual ou maior a 50 anos (17,4% do total dos 86 participantes): 80% deste grupo usam esta fonte uma ou mais vezes por dia. A fonte “Panfletos/Materiais de divulgação da saúde” foi o que menos teve respostas na frequência “1 ou mais vezes por dia”: apenas 17,4% dos participantes. Isso reflete a adesão às novas tecnologias e plataformas digitais, sugerindo que o uso dos tradicionais panfletos impressos se tornou um meio ultrapassado. O mesmo ocorreu com a opção “Jornais e revistas impressos”, para os quais 37,2% dos participantes relataram que “nunca” utilizaram este tipo de fonte para se informar sobre Covid-19. Isso parece-nos indicar que o uso de jornais e revistas em papel se tornou muito mais comum nos ambientes *web* e sua utilização no meio impresso é cada vez mais incomum.

Importante ressaltar aqui que, quando solicitados, na quarta seção do questionário, a se posicionar (em itens de uma escala Likert) diante do enunciado: “Durante a pandemia, estar bem-informado/a sobre a Covid-19 pode me ajudar a ficar bem e evitar o seu espalhamento”, cerca de 72% concordaram totalmente que informações sobre Covid-

19 são importantes no seu enfrentamento e 20% concordam. Apenas 8% dos participantes se apresentaram neutros, e as opções “Discordo” e “Discordo totalmente” foram nulas.

O gráfico 2 traz a porcentagem de frequência com que os participantes utilizam os aplicativos e plataformas das redes sociais para receber, buscar ou compartilhar informações sobre a Covid-19. Os dados são relacionados à questão sete: “Com qual frequência você utiliza as seguintes redes sociais para buscar ou receber informações sobre a Covid-19?”

GRÁFICO 2 – Frequência de uso das redes sociais para informações sobre Covid-19



FONTE: Dados da pesquisa, 2021.

Os resultados mostram que a plataforma mais utilizada é o Facebook, com 31,39% dos participantes respondendo que utilizam essa mídia social “1 ou mais vezes por dia” para se informar sobre a Covid-19. Os “sites de notícias” foram a segunda plataforma mais utilizada: são 30,23% dos participantes que utilizam os sites “1 ou mais vezes por dia”. Por outro lado, os sites de notícias constituem a plataforma que menos recebeu respostas na frequência “nunca”; ou seja, 15,11% dos participantes nunca utilizaram esses meios para buscar ou receber informações sobre a doença. “Fóruns e blogs” foram as plataformas menos utilizadas pelos participantes, com a mesma

porcentagem de 6,97% na frequência “1 ou mais vezes por dia”. Um fato curioso é que as duas plataformas também receberam a mesma porcentagem e também a maior na frequência “nunca”: 55,81% dos participantes nunca utilizaram as plataformas como fonte de informação sobre Covid-19.

O Facebook foi a plataforma mais utilizada pelos participantes, como esperado, já que é a rede social mais acessada no Brasil e no mundo, com cerca de 2,2 bilhões de usuários pelo mundo e 130 milhões de usuários no Brasil (CONCEIÇÃO, 2018). Porém, apesar do seu uso acentuado, a mídia social deve ser utilizada com cautela. Ao navegar pelo site, o usuário é bombardeado com todos os tipos de informação, visto que não há filtro de veracidade das informações que circulam na rede, logo o usuário pode enfrentar, rotineiramente, notícias falsas. Nesse aspecto, o Facebook pode funcionar como uma bomba relógio de *fake news* e desinformação, sem as devidas precauções em seu uso.

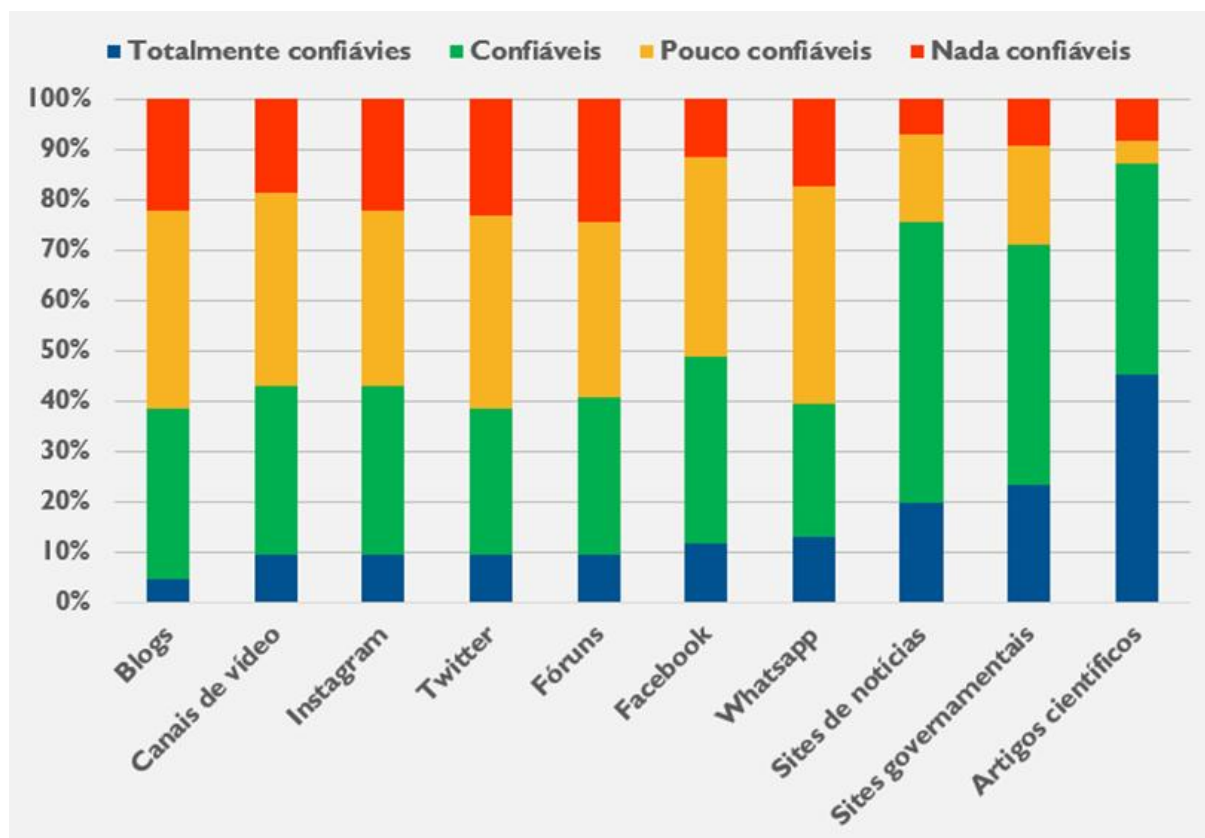
Os blogs e fóruns são os menos utilizados pois são plataformas pouco conhecidas pelos participantes. Nas ocasiões de ter que aplicar o questionário presencialmente, ficou evidente que grande parte dos participantes nem sabiam o que era um fórum ou blog: algumas pessoas perguntaram o que eram essas plataformas.

A terceira seção do questionário focou na percepção de confiabilidade que os participantes tinham sobre várias fontes de informação. No gráfico 3 são apresentados os dados referentes à questão “9) As informações obtidas sobre a Covid-19 nas fontes de informação que uso são (apresentação dos itens da escala Likert)”.

No gráfico 3 que segue, vemos que, segundo os participantes, o tipo de fonte de informação “artigos científicos” é considerado a mais confiável, com 45,34% dos participantes considerando-os a fonte “totalmente confiável”, enquanto 41,86% os consideram “confiáveis”. Ou seja, este tipo de fonte de informação é percebido como fidedigno por quase 87% dos participantes, resultado possivelmente atribuível ao fato que 30% dos participantes chegou a ingressar num curso de ensino superior, tendo assim, conhecimento sobre o rigor do processo de avaliação deste gênero de informação.

GRÁFICO 3 – Grau de confiabilidade das fontes de informações sobre Covid-19





FONTE: Dados da pesquisa, 2021.

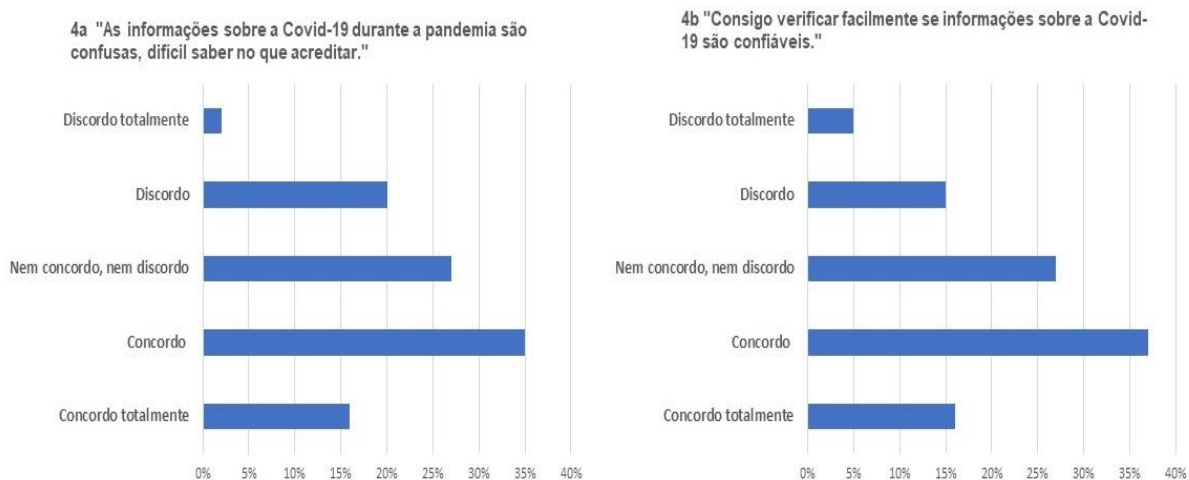
A fonte de informação e sua respectiva plataforma que foi considerada a menos confiável são os fóruns: quase 25% dos participantes consideram a fonte como “nada confiável”. Mas a plataforma que obteve a pior classificação na escala “totalmente confiável” foram os Blogs: somente 5% dos participantes consideram-nos “totalmente confiáveis”. No entanto, como foi mencionado anteriormente, os participantes desconhecem e não estão familiarizados com estes dois tipos de fontes de informação, o que possivelmente explique a atribuição de “nada confiáveis” a elas.

Na quarta seção do questionário, foram apresentadas algumas questões com afirmativas sobre a informação na conjuntura da pandemia da Covid-19 e outras temáticas correlacionadas. Os Gráficos 4a e 4b apresentam alguns dados referentes às respostas dadas a duas questões.

O Gráfico 4a apresenta os graus de concordância com o enunciado “As informações sobre a Covid-19 durante a pandemia são confusas, difícil saber no que acreditar”. A maioria dos participantes (51%) reconhece esta declaração como representativa da sua experiência, sendo que 35% concordam e 16% concordam totalmente. Ao mesmo tempo, como vemos no Gráfico 4b, um pouco mais da metade dos participantes

(53%) afirmam conseguir verificar se informações sobre Covid-19 são confiáveis: 16% concordam totalmente e 37% concordam com o enunciado "Consgo verificar facilmente se informações sobre a Covid-19 são confiáveis." De certo modo, este resultado aponta para um número significativo de participantes que se autoavaliam como tendo um nível razoável de letramento midiático informacional. Por outro lado, somando os que discordam ou discordam totalmente, temos um total de 20% dos participantes que se consideraram não aptos a verificar as informações, o que também é um número considerável de pessoas que se dizem não possuir letramento midiático informacional e podem compartilhar informações falsas, o que pode ser visto como um empecilho no enfrentamento da Covid-19.

GRÁFICO 4a) Percepção das informações sobre Covid-19; **Gráfico 4b)** Autopercepção da capacidade de verificar a confiabilidade dessas informações



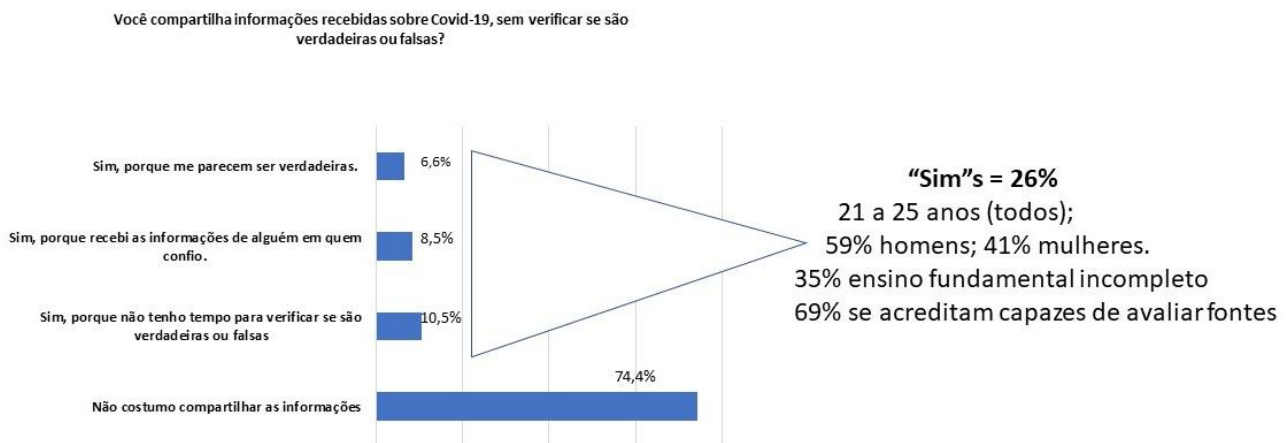
FONTE: Dados da pesquisa, 2021.

O que chama a atenção ao justapor os resultados apresentados nos Gráficos 4a e 4b, é que metade dos participantes concorda que as informações sobre Covid-19 são confusas e difíceis de saber no que acreditar, mas também um pouco mais da metade concorda que consegue verificar facilmente se as informações sobre Covid-19 são confiáveis. Estes dois blocos de respostas juntos parecem-nos apontar uma autoavaliação otimista das suas competências informacionais a respeito da sua capacidade de averiguar a confiabilidade da informação num cenário repleto de informações confusas.

Em outra questão, os participantes da pesquisa se manifestaram em relação à sua

percepção quanto à dificuldade de compreensão da linguagem utilizada nas fontes de informação para a saúde encontradas na Internet, incluindo aquelas sobre Covid-19. A maioria dos participantes discordam que é difícil compreender as fontes de saúde sobre: cerca de 35% discordam e 6% discordam totalmente. Porém, uma parcela significativa dos participantes alegou possuir dificuldades para compreender fontes de saúde: somando os que concordam ou concordam totalmente, corresponde a 36% dos participantes. As fontes cujo veículo de comunicação são instituições ou profissionais da saúde são as que são percebidas como sendo as mais confiáveis dentre as fontes. Quando há dificuldade em compreender essas fontes, tem-se um ruído na comunicação entre o interlocutor e receptor, o que pode comprometer o acesso a essa informação de confiança e tornar as medidas de combate à Covid-19 confusas.

GRÁFICO 5 – Porcentagem dos participantes que afirmam compartilhar ou não as informações sobre Covid-19 sem verificar a veracidade delas antes



FONTE: Dados da pesquisa, 2021.

O gráfico 5 mostra que a maioria dos participantes (74,4%) afirmou não costumar compartilhar informações. Havia três opções para sim, com uma justificativa do porquê compartilham as informações. Somando as porcentagens de uma das opções no afirmativo, verificamos que quase 26% dos participantes responderam que compartilham informações, considerando os que assinalaram estas opções para “sim”. Fizemos alguns recortes dos participantes que disseram que compartilham informações sobre Covid-19 para analisar sua faixa etária, gênero, escolaridade e concordância sobre a capacidade em verificar as informações. Com relação à faixa etária, constatamos que

os participantes que mais compartilham informações são os da faixa etária de 21 a 25 anos (este grupo corresponde à parcela de 26% dos participantes que afirmaram compartilhar informações sobre Covid-19). Os participantes das faixas de 18 a 20 anos e 56 a 60 anos dizem não compartilhar informações. O fato que as pessoas da faixa etária maior deste estudo não compartilham informações não ecoa o que tem sido sinalizado em pesquisas em outras partes do mundo: um estudo realizado nos EUA identificou que idosos com idade superior a 65 anos compartilharam sete vezes mais notícias falsas do que aqueles com idade entre 18 e 29 anos (ESTADÃO, 2019). Dos participantes em nosso estudo que compartilham informações, há chances de que compartilhem notícias falsas, visto que dentre as opções de “sim”, não há justificativa de que compartilha informações porque verificou anteriormente.

Ao fazer o recorte de gênero, constatamos que os homens são os que mais compartilham informações sobre a Covid-19 sem verificar as informações antes de compartilhá-las: 59% da parcela do total que diz que compartilha informações sem verificar sua veracidade é composta por homens, e 41% por mulheres.

Quando cruzamos os dados coletados sobre a inclinação de compartilhar informações (aqueles 26% que responderam “sim” representados no gráfico 5) sem verificá-las antes de compartilhá-las, com o nível de escolaridade, obtivemos que a maioria (35%) tinha o ensino fundamental incompleto, seguido pelo ensino médio (25%), o superior incompleto (17%) e o restante distribuído entre os outros níveis de escolaridade. Estes resultados são ao mesmo tempo reveladores e de certa forma, previsíveis, porque os participantes com ensino fundamental incompleto são os que mais compartilham informações (35%), os participantes com nenhuma escolaridade ou com ensino superior são os que menos compartilham (ambos com 4%). Talvez uma explicação seja que pessoas com nenhuma escolaridade utilizam mais os meios de comunicação de massa, portanto não compartilham informações. Em relação à parcela de 4% de participantes com ensino superior, uma hipótese é que este grupo tenha, comparativamente, um bom letramento midiático e informacional e por isso, não compartilham as informações não verificadas sobre Covid-19.

Olhamos de novo a este grupo de participantes que afirmaram compartilhar as informações sobre Covid-19 sem verificá-las antes, para verificar como eles responderam à questão 10 (“Consigno verificar facilmente se as informações sobre Covid-19 são

confiáveis”), e constatamos que 69% se autodeclararam capazes de verificar as informações; 9% se autodeclararam incapazes de verificar as informações e 22% são neutros (optaram pelo item na escala Likert “nem concordo/nem discordo”.) Evidentemente, os indivíduos que se dizem não possuírem habilidades de avaliar a informação – habilidades essas de letramento midiático e informacional – podem facilmente vir a espalhar a desinformação. Mesmo que seja baixa a porcentagem de participantes que dizem não conseguir verificar as informações, ao extrapolar esse número para toda a população do bairro sendo estudado, teríamos uma situação potencialmente problemática.

Por outro lado, não há garantia que aquela parcela de participantes (69%) que responderam que sabem como verificar as informações realmente o fazem antes de “passar para a frente” tais informações: afinal, é esta parcela que respondeu que “sim, compartilho sem verificar” (por vários motivos). Tampouco existe garantia que estes participantes realmente saibam como realizar uma verdadeira “checagem dos fatos” em sites e serviços validados para tal fim. Exemplifica como os participantes de uma pesquisa podem reportar e declarar – em boa fé – um comportamento próprio (no caso, uma prática informacional) que talvez não reflita seu comportamento verdadeiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que na época de conduzir a pesquisa, o bairro Cidade Aracy era o bairro periférico da cidade de São Carlos (no interior do estado de São Paulo) com o maior número de casos da Covid-19, o presente estudo buscou identificar se o letramento midiático e informacional dos moradores do bairro pode contribuir em um cenário tão conturbado, como este. O levantamento dos dados foi por meio de um questionário aplicado aos moradores do bairro. Os dados foram analisados e, por limitação de espaço, uma parcela deles apresentados aqui.

É de suma importância evidenciar o quanto esse estudo beneficia a comunidade local, considerando que se trata de um bairro periférico que não é muito abordado em estudos. Ao realizar uma pesquisa na *web*, deparou-se com pouca literatura sobre o bairro Cidade Aracy, e por esse motivo, acredita-se que a realização deste estudo contribui para dar visibilidade a este bairro periférico.

Contribui também com a ampliação do conhecimento acerca das práticas de busca, acesso e compartilhamento da informação por populações periféricas, permitindo diálogo com pesquisas existentes e futuras de estudos de usuários da informação na Ciência da Informação que focam grupos socialmente excluídos da sociedade hegemônica. Do ponto de vista da formação do profissional bibliotecário, a “saída” do espaço físico da biblioteca com enfoque nos processos de organização da informação, para coletar dados junto às comunidades de usuários dentro do seu próprio espaço, reforça a importância deste profissional se relacionar diretamente com esses usuários para subseqüentemente fundamentar suas práticas profissionais dentro da biblioteca.

Com a análise e apresentação dos resultados, é possível observar que o meio mais utilizado pelos participantes para buscar ou receber informações sobre a Covid-19 é “Programas de TV/ Jornais televisivos”. Se considerarmos apenas os participantes com 50 anos ou mais, o número é ainda mais expressivo. Isso significa que os meios tradicionais de comunicação de massa ainda são os mais utilizados nesta comunidade. Além disso, as pessoas dessa faixa etária têm dificuldade com as novas tecnologias, o que ficou bem claro pela experiência ao aplicar o instrumento de pesquisa aos participantes.

A maioria dos participantes declara conseguir verificar informações recebidas sobre a Covid-19, o que representa algo positivo no enfrentamento da pandemia. Três quartos dos participantes declaram não compartilhar informações sobre a doença e dentre os que dizem compartilhar as informações, os homens são os que mais as compartilham.

Ao concluir a análise dos dados coletados, é possível afirmar que o objetivo inicial foi cumprido, que foi o de traçar as facetas de acesso e uso da informação sobre a Covid-19 pelos moradores do bairro periférico, Cidade Aracy, da cidade de São Carlos, no interior do estado de São Paulo. Chegou-se à conclusão de que os moradores desse bairro se autodeclararam como tendo bom letramento midiático informacional, e isso, para eles, representaria uma vantagem no enfrentamento da Covid-19. Ademais, dos participantes que compartilham informações, a maioria declara que consegue verificar sua veracidade, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, também afirmam que compartilham informações *sem* verificá-las. É um paradoxo que, em um bairro que tem o maior número de casos de Covid-19 da cidade, os moradores possuem uma autoavaliação otimista – e até um pouco distorcida – das suas próprias competências midiáticas e informacionais. Uma possível relação entre estas competências informacionais autodeclaradas e as taxas

de contágio poderia ser explorada mais a fundo em futuros estudos.

Em suma, é importante que os governantes locais reconheçam a importância do letramento midiático e informacional em contextos tão conturbados como o da pandemia da Covid-19. Seria ideal que o município de São Carlos tivesse investimentos direcionados a cursos, eventos e projetos de letramento midiático e informacional, e especificamente sobre a disseminação da desinformação referente a assuntos de saúde, e de inclusão digital. Mesmo que a situação desfavorável do letramento midiático e informacional nesse bairro periférico seja satisfatória e não represente um empecilho no enfrentamento à pandemia, é importante fornecer mais subsídios a sua população, para que se torne ainda mais segura na avaliação e uso das fontes de informação.

REFERÊNCIAS

- BBC BRASIL. Coronavírus: como informações falsas sobre a pandemia mataram mais de 800 pessoas. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53762751>. Acesso: 18 mar. 2021.
- BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, Beverly Hills, v. 10, n. 2, p. 141-163, 1981. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/004912418101000205>. Acesso: 18 mar. 2021.
- BRASIL. **Coronavírus Brasil**. Painel Coronavírus. 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso: 18 mar. 2021.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). **TIC Domicílios. Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros, 2020**. São Paulo: CGI, 2021.
- CONCEIÇÃO, Eduardo Guedes da. **O fenômeno Facebook no Brasil**. Rede social ou dependência digital? Dissertação (Mestrado em Saúde Mental) - Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/52/teses/871444.pdf> Acesso: 04 maio 2021.
- COSTA SILVA FILHO, R.; SILVA, L. M.; LUCE, B. Impacto da pós-verdade em fontes de informação para a saúde. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 271-287, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/892>. Acesso em: 4 maio 2021.
- CUBAS, M. R.; FELCHNER, P. C. Z. Análise das fontes de informação sobre os autoexames da mama disponíveis na Internet. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 965-970, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000400018>. Acesso em: 4 maio 2021.
- EYSENBACH, G. What is e-health? **Journal of Medical Internet Research**, Augsburg, v. 3, n. 2, 2001. Disponível em: <https://www.jmir.org/2001/2/e20/>. Acesso em: 6 Mar. 2021.
- ESTADÃO. **Idosos compartilham sete vezes mais notícias falsas do que jovens no Facebook, diz pesquisa**. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/idosos-compartilham-sete-vezes-mais-noticias-falsas-do-que-usuarios-mais-jovens-no-facebook-diz-pesquisa/>. Acesso: 23 Jun. 2021.

FURNIVAL, A. C. M.; SANTOS, T. Desinformação e as *fake news*: apontamentos sobre seu surgimento, detecção e formas de combate. **Conexão-Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 18, n. 36, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16542>. Acesso em: 23 Jun. 2021.

GALARCE, Ezequiel M.; RAMANADHAN, Shoba; VISWANATH, K. Health information seeking. In: VANGELISTI, A. L. (Ed.). **The Routledge handbook of health communication**. London: Routledge, 2011. p. 194-207.

G1. **Cidade Aracy lidera lista de bairros de São Carlos com mais casos de Covid-19**. 15 de Dezembro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/12/15/cidade-aracy-lidera-lista-de-bairros-de-sao-carlos-com-mais-casos-de-covid-19.ghtml>. Acesso: 6 Mar. 2021.

G1. **Imprensa internacional repercute caos nos hospitais de Manaus**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/15/imprensa-internacional-repercute-caos-nos-hospitais-de-manaus.ghtml>. Acesso: 22 jun. 2022.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO; AÇÃO EDUCATIVA. **INAF Brasil 2018. Resultados Preliminares**. São Paulo: Ação Educativa, 2018. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso: 24 jun 2022.

IPSOS. **Fake news, filter bubbles, post-truth and trust**. Disponível em: https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2018-08/fake_news-report.pdf. Acesso: 10 abr. 2022.

MAZZUCO, G. G.; MOSCHINI, L. E. Análise de indicadores de desempenho urbano: Estudo de caso - Bairro Cidade Aracy, São Carlos, SP. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 14, n. 5, 2018. <https://doi.org/10.54399/rbgdr.v14i5.4086>. Disponível em: <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/4086>. Acesso em: 22 jun. 2022.

MONTALVÃO NETO, Alberto Lopo *et al.* Ciência, fake news e pós-verdades: a produção de efeitos de verdade em tempos de pandemia. **Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online**, [Belo Horizonte], v. 9, n. 1, nov. 2020. ISSN 2317-0239. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/17730. Acesso em: 2 maio 2021.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. World Health Organization [Internet]. WHO public health research agenda for managing infodemics. Geneva: WHO; 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240019508>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SILVA, Virgínia Ferreira da. Migrantes da periferia urbana: redes sociais e a construção do bairro. **Ponto Urbe - Revista de Núcleo de Antropologia da USP**. 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1248>. Acesso: 6 Mar. 2021.

SUNDAR, S.; RICE, R; KIM, H; SCIAMANNA, C. Online Health Information: Conceptual Challenges and Theoretical Opportunities 181. In: VANGELISTI, A. L. (Ed.). **The Routledge handbook of health communication**, London: Routledge, 2011. 2nd Edition.

UNESCO. Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>. Acesso: 8 abr. 2021.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 8 abr. 2021.